

Os Nove Arquétipos da Alma Feminina

Título do original: *Circle of Nine – An Archetypal Journey to Awaken the Divine Feminine Within.*

Copyright © 2018 Cherry Gilchrist.

Copyright da edição brasileira © 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revista.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Imagem interior: *Primavera*, 1884 de Sandro Botticelli (1445-1510). Uffizi Gallery, Florença, Itália. Fornecido pela © Gettyimages.com

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Alessandra Miranda de Sá

Gerente de produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: S2 Books

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Capa: Vinícius Almeida

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gilchrist, Cherry

Os nove arquétipos da alma feminina : círculos de mulheres e a jornada de autoconhecimento para despertar o feminino divino interior / Cherry Gilchrist ; tradução Marcelo Brandão Cipolla. -- São Paulo : Editora Pensamento Cultrix, 2020.

Título original: Circle of nine : an archetypal journey to awaken the divine feminine within
ISBN 978-85-315-2124-9

1. Arquétipo 2. Arquétipo (Psicologia) 3. Espiritualidade 4. Feminismo 5. Mitologia - Aspectos psicológicos 6. Mulheres - Psicologia I. Título.

20-33269

CDD-150.1954

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquétipo : Psicologia 150.1954

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

1ª Edição digital 2020
eISBN: 978-65-87236-05-6

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Introdução - A História do Círculo

Prólogo - O Despertar do Círculo das Nove Mulheres

Capítulo 1 - A Companhia das Nove Mulheres

Capítulo 2 - A Rainha da Terra

Capítulo 3 - A Mãe Tecelã

Capítulo 4 - A Senhora da Dança

Capítulo 5 - A Rainha da Noite

Capítulo 6 - A Mãe Justa

Capítulo 7 - A Senhora do Lar

Capítulo 8 - A Rainha da Beleza

Capítulo 9 - A Grande Mãe

Capítulo 10 - A Senhora da Luz

Capítulo 11 - O Trabalho com o Círculo das Nove Mulheres

Conclusão - Fechando o Círculo

Notas Finais

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração àquelas mulheres que me deram novas ideias e me forneceram novos materiais para esta versão do livro.

Agradeço, em particular, às membras fundadoras da Associação das Nove Senhoras, que me ajudaram a recapitular a história que temos em comum e a vislumbrar o futuro da espiritualidade feminina. Presto aqui uma homenagem especial à saudosa Barbara Cousins, que me encorajou a escrever a nova versão do livro. Sou grata a ela por toda uma vida de amizade e trabalho em conjunto.

A Fleur Darkin, por sua disposição a partilhar o amor pela dança e por ter exposto de maneira maravilhosa o significado da dança, iluminando o capítulo sobre a Senhora da Dança.

A Liz Erett, por ter me ajudado com a matemática do número nove. Sua colaboração foi muito bem recebida pelo meu cérebro avesso a números.

Às integrantes do grupo do Círculo das Nove Mulheres em Amberley, que me ajudaram a manter a chama acesa.

Gostaria de agradecer àqueles que tornaram possível o lançamento deste livro: em especial, à cara memória da falecida Doreen Montgomery, minha agente, cujo apoio e encorajamento me acompanharam de maneira infalível durante mais de vinte anos. O

último e-mail que ela me enviou expressava seu contentamento com esta nova versão de *Os Nove Arquétipos da Alma Feminina*.

E agradeço, é claro, à equipe da Red Wheel/Weiser pelo encorajamento e pelos excelentes conselhos de edição. É um prazer trabalhar com vocês!

Por último na ordem, mas não na importância, agradeço a meu marido, Robert Lee-Wade, por ter se disposto a deixar o Círculo das Nove Mulheres entrar na nossa vida e por ter partilhado comigo tantas aventuras, percorrendo terrenos selvagens em meio à chuva e à neblina para encontrar alguns círculos de pedras das Nove Donzelas.

Introdução

A HISTÓRIA DO CÍRCULO

Num dia frio de primavera, em março de 1981, um pequeno grupo de mulheres se reuniu no círculo de pedra das Nove Senhoras, no condado de Derbyshire, Inglaterra. Foram atraídas a esse local remoto pelo nome do círculo, na esperança de que ele pudesse proporcionar inspiração para uma nova forma de trabalho feminino. Ali, nas charneças de High Peak, há nove pedras na altura da cintura de uma pessoa – uma presença elegante naquela paisagem agreste. [1] Para a surpresa das mulheres, o círculo megalítico da Idade do Bronze não estava vazio; no centro das lápides lascadas havia um buquê com nove narcisos. As flores amarelas reluziam como um farol, iluminando o círculo e imprimindo seu selo ao trabalho espiritual inaugurado naquele dia, que continua sendo praticado até hoje.

Embora eu não estivesse presente no círculo de pedras naquela primeira ocasião, fui uma das que ajudaram a fundar os primeiros grupos de mulheres logo após. Nosso trabalho girava em torno dos nove arquétipos que você vai conhecer neste livro: as três Rainhas, as três Senhoras e as três Mães. Trabalhando juntas, definimos seus nomes e exploramos seus atributos em termos contemporâneos, dando nova forma às nove figuras míticas que, sob diversos disfarces, têm estado

conosco desde tempos imemoriais. Aqui, exploraremos esses arquétipos com os nomes de Rainha da Terra, Mãe Tecelã, Senhora da Dança, Rainha da Noite, Mãe Justa, Senhora do Lar, Rainha da Beleza, Grande Mãe e Senhora da Luz.

O primeiro impulso no sentido da criação de uma nova rede de mulheres nasceu de uma sensação de frustração. A maioria de nós estava engajada em trabalhos de natureza mística ou filosófica, mas não parecia haver, dentro desse contexto, uma forma apropriada para que as mulheres trabalhassem juntas. Nos grupos mistos, a tendência era que as especulações masculinas predominassem; o esforço de incorporar e praticar ideias, tão essencial para o jeito feminino de trabalhar, ficava em segundo plano. No fim, a fundação dos nossos grupos de mulheres não somente se mostrou importante em si e por si, como também ajudou a criar um equilíbrio melhor nos grupos mistos dos quais continuávamos participando. De lá para cá, sempre nos pautamos pelo princípio de que o trabalho feminino incorpore tanto o nível abstrato quanto o nível prático da vida. Podemos tentar alcançar as estrelas, mas também devemos ter os pés no chão. As pedras do círculo das Nove Senhoras nos lembram disso: apontam para o céu, mas estão profundamente arraigadas na terra.

O TRABALHO FEMININO E O CÍRCULO DAS NOVE MULHERES

As mulheres têm um potencial extraordinário. Às vezes se diz que elas já sabem tudo – só precisam descobrir e encontrar meios de expressar o que sabem. Isso porque a mulher tem o potencial de se unir à vida que leva dentro de si e trazê-la ao mundo. Quer ela tenha um filho, quer não, seu potencial biológico de fazê-lo, como também seu potencial espiritual, a sintoniza com os ritmos e as marés da vida de um jeito inacessível aos homens. Os homens são mais singulares; seus limites são

mais impermeáveis. Não estou dizendo aqui que as características de um dos dois sexos são superiores às do outro; quero apenas assinalar que o conhecimento profundo e inato das mulheres é um poder que reside dentro delas. O problema está em saber formular o que sabemos e em agir com consciência de acordo com esse conhecimento, sempre com verdadeira compreensão.

Por natureza, as mulheres parecem ser capazes de encontrar significado em símbolos que permitem que as emoções fluam sem ser obstaculizadas por contestações “racionais”. Na qualidade de mulheres, podemos usar os arquétipos das Nove Mulheres para nos ajudar a entender nossa vida individual – nos ajudar a expressar aquilo que, lá no fundo, já sabemos. Fazendo contato com as figuras arquetípicas do Círculo das Nove Mulheres, nos tornamos mais fortes, mais empoderadas, até mais alegres. Com a ajuda desses arquétipos, podemos também trabalhar de modo mais dinâmico, às vezes fundindo-nos com a identidade feminina coletiva, às vezes lançando mão de nossos pontos fortes e capacidades particulares a fim de agir no mundo com mais eficácia. Assim, o Círculo das Nove Mulheres pode nos ajudar a soltar as amarras do nosso verdadeiro potencial.

Alguns anos depois de termos começado nosso trabalho, decidi escrever sobre os arquétipos para um público mais amplo, o que levou à publicação da primeira versão deste livro, em 1988. O livro alcançou muitos leitores e foi publicado em vários países, possibilitando que muitas pessoas e grupos estabelecessem contato com os nove arquétipos e criassem suas próprias formas de trabalhar. No decorrer dos anos, recebi relatos de leitoras acerca de como as Nove Mulheres inspiraram peças de teatro, romances e até perfumes, além de deixar uma marca significativa na vida das mulheres.

Esforçando-me para manter esses nove arquétipos vivos e acessíveis às mulheres ainda por muitos anos, decidi reescrever o livro original para

o público do século XXI. As coisas mudaram muito desde que escrevi a primeira versão, e não foi fácil trabalhar em cima do texto original – embora as recompensas tenham valido a pena. Meu objetivo foi dar vida nova ao texto, sem, porém, descartar todo o material valioso do original. Atualizei o conteúdo para torná-lo mais pertinente à nossa época e acrescentei dois capítulos novos: o primeiro, que apresenta as tradições antigas ligadas aos nove arquétipos, e o último, que discute o trabalho prático com o Círculo das Nove Mulheres. Por fim, procurei ampliar o máximo possível o meu próprio ponto de vista, a fim de torná-lo condizente com tudo o que, como mulher, tenho vivido ao longo dos anos. Quando escrevi a primeira versão do livro, eu era uma mãe relativamente jovem; agora sou avó. Para mim, foi incrível me ver capaz de combinar as ideias de uma jovem, de uma mãe e de uma avó – respeitando as diferenças entre elas, mais deixando, também, que cada uma delas exista como parte de um contínuo de envolvimento com os nove arquétipos femininos. Sou muito grata por essa oportunidade.

Enquanto trabalhava na redação da nova versão do livro, consultei outras membras fundadoras do nosso círculo, que ajudaram a lançar luz sobre certas questões mais difíceis; algumas das sugestões que elas deram foram incorporadas ao texto. Além disso, recebi uma ajuda valiosíssima de algumas mulheres mais jovens que me contaram sobre suas vidas e me deram ideias acerca de novas maneiras de abordar os arquétipos. Minha interpretação é individual, mas, se eu for capaz de apontar o caminho para que outras pessoas explorem essa tradição, sentirei que terei feito o necessário para representar o antigo Círculo das Nove Mulheres.

COMO USAR ESTE LIVRO

Os Nove Arquétipos da Alma Feminina apresenta uma estrutura arquetípica testada e comprovada com a qual podemos trabalhar. O

modo pelo qual essa estrutura está exposta no livro é relativamente fácil de entender. O primeiro capítulo explora o antigo símbolo das nove mulheres, interpretando-o como um modelo para os trabalhos mágicos e espirituais. É essa a sementeira de onde nasceu o nosso próprio Círculo das Nove Mulheres, e recomendo que você de fato comece pelo Capítulo 1

para ganhar perspectiva e conhecer os antecedentes do nosso trabalho. Seguem-se então estudos individuais sobre cada um dos nove arquétipos, em capítulos isolados que podem ser lidos em qualquer ordem. Há certas vantagens, entretanto, em realizar a leitura dos capítulos na ordem em que os apresento, pois o desenvolvimento de certos temas poderá, assim, ser acompanhado. Por outro lado, é possível ler primeiro, por exemplo, todos os capítulos dedicados às Rainhas, depois todos os dedicados às Mães, e depois todos os dedicados às Senhoras. Qualquer sequência é válida, e todas elas acrescentarão algo à sua compreensão das Nove Mulheres. Também pode ser muito recompensador estudar um capítulo de cada vez, pois isso poderá lhe dar ideias criativas sobre como descobrir os arquétipos em sua própria vida.

Para tornar nossa discussão mais concreta, o último capítulo do livro descreve esquemas específicos de trabalho com os arquétipos, quer individualmente, quer num grupo de mulheres. Também aborda a questão do trabalho feito em conjunto por pessoas de várias gerações, com sugestões de atividades que podem ser feitas por mães e filhas e avós e netas.

Os Nove Arquétipos da Alma Feminina é um manual prático e também uma investigação teórica dos arquétipos e da vida das mulheres. Embora seja provável que estas venham a constituir a maioria do público leitor do livro – e em geral vou me dirigir ao leitor no feminino –, espero que o livro tenha alguns leitores do sexo masculino, pois os nove

arquétipos femininos podem também ter um significado profundo para os homens.

Uma nota sobre o título original dado a este livro: *The Circle of Nine* [O Círculo das Nove] é o nome que dei não somente a este livro, mas também aos grupos que dirijo. Outros grupos nascidos da mesma fonte são chamados de Nove Senhoras, em homenagem ao círculo de pedra onde a iniciativa tomou forma. Os dois tipos de grupos têm a mesma linhagem. Embora seja importante que o simbolismo siga a tradição das Nove Mulheres, tal como as conhecemos, os nomes individuais dos círculos podem mudar, se necessário, para refletir uma determinada ênfase.

Prólogo

O DESPERTAR DO CÍRCULO DAS NOVE MULHERES

É noite e o círculo de pedra está envolto em sombras profundas. O espaço dentro dele está pesado e escuro e as pedras não passam de formas circunspectas que se inclinam sobre um abismo insondável. São mais sentidas do que vistas; seu número é difícil de determinar; seus contornos são vislumbrados e depois desaparecem, como os detalhes de um sonho de que tentamos nos recordar. Então, a lua aparece em meio às densas nuvens. Sua luz toca as pedras, que entram em foco: são em número de nove. Estão cobertas de rachaduras, que se tornam ainda mais escuras à luz da lua. As fissuras se aprofundam; as superfícies rebrilham. A imobilidade, porém, se foi; as pedras parecem atentas, vivas. Suas formas estranhas vão se contorcendo até que as figuras se tornam fluidas, suaves e móveis. As Nove Mulheres se libertam de sua antiga fixidez, pois a luz voltou a tocá-las e o olho que as vê reconhece o seu ser.

Na luz fria da noite, suas formas parecem crescer e modificar-se de mil maneiras até que, por fim, o olhar é capaz de fixá-las e seus traços se imprimem na imaginação.

Com suas formas arredondadas e bochechas vermelhas, ela ri. Você também pode rir, se quiser, pois ela é a fertilidade da terra e está de bem

com a vida, feliz por estar aqui. Há barro em seus pés, mas ela traz, na cabeça, uma coroa real de espigas de trigo; frutos diversos se derramam de suas mãos. Ela é a Rainha da Terra.

Girando o fuso em suas mãos, puxando o fio, a Mãe Tecelã é pensativa. Ela não se apressa; sua intenção não se precipita, suas mãos são rápidas e ágeis, seu olhar, experiente e estável. Agora seus dedos passam pelos fios, endireitando-os para o trabalho que virá: uma tapeçaria de desenhos e cores inumeráveis.

Há aquela que nunca está parada. Estrelas soltam-se de seus dedos e seus cabelos fluem como a água quando ela dança, de passo leve, sobre a relva coberta de orvalho. A brisa quase a levanta; ela pula, salta e gira, e o vestido de seda se enfuna ao seu redor. A Senhora da Dança é incorrigível, alegre, irresistível.

Brilhante à luz da lua, atenta como um gato, arisca como uma coruja, veloz como um cavalo alado. A Rainha da Noite cumprimenta sua corte; a escuridão ao seu redor está carregada de eletricidade. Ela não espera por ninguém, nada a detém. Levanta as mãos e os braços; seus cabelos tremulam atrás dela enquanto sua capa rebrilha, agitando-se e batendo como as asas de um grande morcego.

A Mãe Justa permanece à sombra, ainda meditativa; mas está preparada, à espera do seu momento. Seu manto é preto, mas sua espada é prateada, afiada e está de prontidão. Seus traços são fortes, mas tristes, pois ela não consegue se esquecer do que sabe.

Onde antes havia uma pedra, agora parece haver uma concavidade na qual brilha uma cálida fogueira. A mulher de azul cuida da fogueira: a Senhora do Lar. Ela se prepara para receber convidados, pessoas estranhas e aqueles que virão depois. Trabalha em silêncio, e poucos percebem a constância de sua atenção. Sê bem-vindo, viajante; senta-te e conta tua história.

A mais bela. Suas bochechas são como de cetim estendido sobre marfim. O ouro e a prata rebrilham em suas vestes. A Rainha da Beleza está presente e se faz ver como uma flor de primavera, minúscula e perfeita – como uma queda-d'água, um cristal finamente lapidado. Cada qual a vê como sua própria imagem da beleza: contida, radiante, nascida da essência.

Aquela cuja forma jamais se evidencia por completo. Quente, com a respiração pesada, a pedra bruta ganhou vida e pulsa como os jorros de sangue escuro dentro das veias. Alguns a chamam de Grande Mãe, pois ela contém tudo dentro de si; por grande que seja uma forma dentro dela, ela própria é maior ainda. O respeito e o medo se juntam ao seu redor, pois ela é a primeira e a última.

A Senhora da Luz é um raio de seda, um contorno difuso, uma lâmpada de paz. Em sua plenitude de luz, ela se torna nada, ninguém; para contemplar sua forma, é preciso velar seu esplendor. Ela está sempre ali: jamais se ausenta, mesmo na escuridão da noite. O toque de sua luz é como o calor do sol; para ela, a imobilidade e o movimento são uma só coisa.

Estas são as Nove Mulheres que guardam o círculo, e vamos conhecê-las uma por uma. Antes, porém, vamos excursionar pela antiga paisagem de onde elas surgiram.

Capítulo 1

A COMPANHIA DAS NOVE MULHERES

A tradição que reúne os arquétipos do Círculo das Nove Mulheres é bem antiga – faz parte de uma linhagem que remonta há milhares de anos. Com efeito, a ideia de uma “companhia das nove mulheres” tem servido de base para os mais diversos tipos de trabalho espiritual e mágico feminino no decorrer dos milênios, tanto na vida real quanto nos mitos e lendas. Até agora, no entanto, essa tradição não tem sido considerada fundamental e vital para o jeito feminino de trabalhar. Mesmo quando escrevi a primeira versão deste livro, eu ainda não tinha plena consciência da antiquíssima tradição das nove mulheres. Para mim, foi uma revelação descobrir o quanto essa tradição é significativa e quanto é disseminada.

Exploraremos aqui alguns dos papéis representados pela companhia das nove mulheres nos mitos e na história. Isso nos ajudará a situar a discussão dos arquétipos do Círculo das Nove Mulheres em um contexto mais amplo e nos dará vislumbres da presença das Nove Mulheres em outras culturas, épocas e locais. Compreendendo a

tradição em seu contexto mais amplo, poderemos também ter ideias sobre novos trabalhos a serem realizados no futuro.

Começamos nossa jornada numa ilha remota ao largo do litoral da região que hoje chamamos Bretanha. Há quase 2 mil anos, o geógrafo romano Pompônio Mela relatou a existência de um grupo de nove sacerdotisas vivendo nessa ilha, que chamou de Sena – o mais provável é que se trate da ilha que hoje chamamos Île de Sein, ao largo do litoral da Bretanha. Mela nos fala de nove virgens que cuidavam do santuário de um deus gaulês. No entanto, não eram apenas mulheres consagradas; eram famosas como oráculos, e suplicantes vinham de longe para pedir e obter seus conselhos. As videntes, quando quisessem, poderiam oferecer vislumbres do futuro e adivinhar a sorte das pessoas. Porém, seus poderes especiais iam além disso. Eram também capazes de encantar os ventos e os mares de modo a torná-los favoráveis aos navegantes, de assumir a forma de diferentes animais e de curar os mais graves ferimentos e doenças.

Embora não tenhamos outra prova da existência desse grupo, Pompônio Mela era, de maneira geral, bastante confiável nos registros que fazia acerca de pessoas e lugares. Além disso, seu relato é compatível com outros relatos que descrevem grupos de nove sacerdotisas oraculares em outros locais da Europa. Mais ainda: a região do mar onde se situa a ilha de Sena era chamada “Baía dos Mortos” e era vista como um pedaço do “outro mundo” pelos habitantes da região – um local onde seria mais fácil para as videntes levantar o véu que as separava do mundo dos deuses.

Infelizmente para nós, as nove virgens consagradas de Sena deixaram de existir há muito tempo, mas o relato de Mela dá mais peso histórico às tradições folclóricas e míticas que descrevem grupos de nove mulheres que trabalham com poderes mágicos, curativos e divinatórios. Embora a linha divisória entre o mito e a história nem sempre seja tão nítida em

relatos desse tipo, é fato que houve, na vida real, assembleias compostas por nove mulheres, e, na maioria dos casos, elas pareciam seguir um padrão comum: um grupo votivo ou irmandade feminina dedicada a uma causa sagrada. Esses grupos votivos eram – e ainda são – portadores genuínos das práticas espirituais e mágicas femininas.

Quando juntei o material para a primeira versão deste livro, na década de 1980, as ferramentas de busca da internet ainda não existiam. Por isso, só encontrei referências esparsas a essas companhias de nove mulheres – embora já em número suficiente para dar a entender que nossos nove arquétipos tinham origem antiga. Agora, com a ajuda da internet, tenho muito mais certeza de que nosso Círculo das Nove Mulheres é um novo florescimento dessa linhagem que remonta à pré-história. A linhagem se encontra numa área que vai da Escandinávia ao Mediterrâneo, passando pela Europa Continental, e chega a leste até a Sibéria. Pode ser, inclusive, que esteja presente no mundo inteiro, pois encontram-se exemplos isolados das Nove Mulheres também na África e na América do Sul. [\[2\]](#)

A NATUREZA DAS NOVE MULHERES

Todas as manifestações das Nove Mulheres com que me deparei têm sua própria identidade individual, além de papéis, tarefas ou funções específicas a desempenhar. As descrições dessas atividades variam muito: desde servir a uma divindade até adivinhar o futuro, curar, fazer magia ou apenas dançar de alegria. A mistura de mito, história e folclore que caracteriza esses grupos afeta o tom dos relatos, que às vezes são sérios, às vezes leves; às vezes são misteriosos, às vezes factuais. Um dos elementos importantes que todos têm em comum, no entanto, é que em geral elas participam de uma energia cuja fonte é sagrada ou de outro mundo.

Examinando exemplos específicos das Nove Mulheres, evidencia-se quanto o contexto e a passagem do tempo deram forma a essas histórias. Às vezes, as ações dos arquétipos são demonizadas pelos costumes religiosos ou sociais prevaletentes – a dança pode ser vista como um ato maligno, por exemplo, ou a cura compassiva pode ser entendida como uma prática de magia negra. De certo modo, contudo, essas diferentes versões das Nove Mulheres ajudam a dar coerência à narrativa geral da tradição, pois elas constituem uma versão caleidoscópica de histórias na qual se podem discernir certos padrões em comum. Nem sempre é necessário separar o fato da ficção para ver que essas companhias de nove mulheres têm uma relação geral que as conecta entre si.

Essas companhias têm, em geral, um nome simples – as Nove Donzelas, as Nove Irmãs, as Nove Senhoras, as Nove Filhas, as Nove Virgens ou, de vez em quando, as Nove Mães. Além disso, muitos grupos não atribuem nomes individuais aos arquétipos, ao contrário do que se verifica em nosso Círculo das Nove Mulheres – embora às vezes a figura que lidera o grupo, ou uma ou duas de suas seguidoras, tenha nome. No geral, os grupos se distinguem mais pelo contexto e pela função que pelo nome.

A partir dos exemplos que examinamos aqui, fica claro que as nove figuras que integram essas companhias não são vistas como deusas. São consideradas videntes, curadoras sagradas, devotas de uma divindade ou dançarinas cheias de energia, mas não seres divinos. Podem ter contato com os deuses, divisar o futuro e metamorfosear-se em diferentes animais, mas não são, elas próprias, divindades. Essa distinção é importante, sobretudo na medida em que se aplica aos arquétipos do nosso Círculo das Nove Mulheres. Os nove arquétipos não são deusas; têm um aspecto mítico, mas também se manifestam na vida de mulheres comuns.

Na verdade, toda a dificuldade e a alegria de trabalhar com o arquetípico Círculo das Nove Mulheres vêm dessa polaridade. As Nove Mulheres nos estimulam a abraçar tanto o aqui e agora quanto a dimensão mítica da vida e a ver os arquétipos funcionando nos dois contextos. Talvez isso explique por que é difícil saber se alguns dos exemplos históricos são míticos ou reais, e por que muitas vezes o que se obtém é uma curiosa mistura das duas coisas. A lição, para nós, é que as Nove Mulheres precisam passar a fazer parte da nossa vida concreta enquanto mulheres, mesmo que emanem de um mundo espiritual ou não material. Um poema grego do século VII a.C. relata que as Nove Mulheres transitam entre os mundos material e espiritual na qualidade de nove belas donzelas que usam colares brilhantes de marfim. Elas entram dançando no mundo dos mortos e aproximam-se da deusa que ali reside. No poema, fica claro que estão sob as ordens dessa deusa sem nome, mas não têm o mesmo *status* sagrado. [3]

*Nós, que vivemos entre os mortos e chegamos
à própria Deusa, nove meninas,
donzelas, amáveis em nosso dançar,
na luminosa beleza dos tecidos
drapeados, com colares finamente cinzelados
de marfim, brilhamos, esplendorosas,
perante os mortos, como a luz do sol esquecida.*

GRUPOS DE TRÊS E DE NOVE

Por que o número nove é tão importante nessa tradição? Um dos principais fatores talvez seja a importância do número três, que dá origem ao nove quando multiplicado por si mesmo e está na raiz de

muitos exemplos de mitologia feminina. A ideia de uma deusa tríplice é bem antiga, quer na forma de três deusas que constituem uma trindade, quer na de uma única deusa com três faces. Diz-se que Diana, a deusa romana da lua, por exemplo, existe em três modalidades diferentes: senhora da caça, da lua e do mundo subterrâneo. Há também triplicidades de espíritos que presidem a certas coisas – as Três Parcas, as Três Graças e, na origem, as Três Musas, as quais vêm muito ao caso em nosso estudo, pois seu número depois aumentou de três para nove, como veremos. Embora o número três não seja relacionado apenas às mulheres, parece haver uma relação especial entre o feminino e a triplicidade. Talvez isso se deva às mudanças óbvias que ocorrem no corpo da mulher no decorrer de sua vida: virgem, mãe e idosa.

A fórmula “3 x 3” é vista muitas vezes como uma invocação mágica, como o modo por excelência de se selar uma ação. Talvez a “amarração” da magia num encantamento repetido nove vezes seja considerada um modo particularmente feminino de praticar um feitiço ou uma cura. É certo que a fala das bruxas no primeiro ato do *Macbeth* de Shakespeare dá peso a esse fato:

Três para ti, três para mim,

Três para nove no fim.

Silêncio! O encanto está pronto. [4]

Um dos modos pelos quais se pode determinar se o número nove tem mesmo uma relação especial com as modalidades femininas de trabalho é perguntar se existem grupos análogos de outro número de mulheres – cinco, seis ou oito, por exemplo. A resposta é que, embora haja alguns, não há muitos. Há alguns casos de grupos de sete – as Sete Irmãs das

Plêiades, por exemplo – e o sete é visto de fato como um número mágico, mas o que predomina são os grupos de nove.

O próprio número nove tem outra propriedade especialmente significativa. A soma dos algarismos de qualquer múltiplo de nove também dá nove. Ou seja, todos os múltiplos de nove podem ser reduzidos ao próprio número nove (por exemplo: $32 \times 9 = 288 = 2 + 8 + 8 = 18 = 1 + 8 = 9$). No entanto, não podemos atribuir a esse fato um significado universal, pois essa propriedade só ocorre em nosso sistema numérico decimal, ao passo que exemplos de grupos de Nove também se encontram em culturas que vão desde a pré-história até os gregos e romanos, que usavam sistemas numéricos diferentes. Às vezes, inclusive, os grupos de nove mulheres se tornam grupos de dez quando as nove se põem sob o comando de uma líder. Santa Brígida, por exemplo, tinha um grupo de nove damas de companhia. Era esse também o caso da formidável fada bretã chamada Korrigan, e a deusa nórdica Freya era servida por uma companhia de nove videntes. Nesses casos, a décima figura em geral é uma deusa, um espírito ou uma santa com função orientadora, e as nove mulheres têm todas o mesmo *status* ao redor dessa figura.

Os grupos de nove mulheres também podem ser comandados por uma figura masculina, como no caso das nove donzelas que mexem o caldeirão de Pen Annwyn, o senhor do mundo subterrâneo na mitologia galesa, o das nove filhas do Rei Piero que, na mitologia grega, ousaram desafiar as Musas numa competição de canto e, em razão de sua temeridade, foram transformadas em pássaros. As nove filhas de São Donevaldo, que conheceremos daqui a pouco, são outro exemplo; e até o nosso círculo das Nove Senhoras, em Derbyshire, tem uma décima pedra chamada Pedra do Rei, que está fora do círculo, a cerca de 40 metros dele.

AS ÚLTIMAS REMANESCENTES DE UMA PODEROSA ORDEM

A visão especulativa a seguir, sobre como uma companhia de nove mulheres pode ter vivido e atuado como fonte de apoio sagrado à sua comunidade, ocorreu-me de modo espontâneo há muitos anos, quando eu explorava uma sequência de imagens relacionadas às tradições femininas. A visão permaneceu vívida em minha memória desde aquela época. Não sei se ela tem alguma exatidão histórica – minha impressão, quando a tive, foi que possa ter vindo de um lugar como a antiga Creta.

Quando tive essa experiência, eu ainda não conhecia em detalhes a antiga tradição de grupos de nove mulheres que viviam e atuavam como adivinhas e conselheiras, muitas vezes isolando-se em ilhas ou cumes de montanha e usando varas como instrumentos sagrados. À medida que fui mergulhando nessa tradição por meio de minhas pesquisas, surpreendi-me ao perceber que o que tinha visto em minha visão era tão compatível com os relatos históricos. Isso dá peso à sensação que tive na época: que eu estava fazendo contato com uma ordem especial de arquétipos do passado. Quer minha visão seja “real” no sentido histórico, quer não, é certo que existem muitos paralelos entre ela e uma tradição de cuja existência, agora, já não tenho dúvidas. Isso me leva a pensar que talvez sejamos capazes de nos sintonizar com uma dimensão da existência que transcende o tempo e o lugar onde nos encontramos e, de algum modo, entrarmos em contato com os grupos de nove mulheres que existiram antes de nós. Assim, podemos viver e trabalhar com consciência, como herdeiras dessa linhagem.

Transmito a vocês agora minha visão, exatamente como a escrevi há muitos anos:

Vejo mulheres vivendo numa região montanhosa. Elas usam vestidos brancos, leves, e são todas integrantes da mesma companhia, mas passam a maior parte do tempo na solidão. Têm muito conhecimento sobre a natureza

e a ordem natural, mas nem sempre se identificam com ela em seu trabalho. São capazes de invocar e manipular um poder, usando como instrumento, muitas vezes, uma vara fina; no entanto, são devotas e dedicam muito tempo à oração. Têm fontes sagradas onde suas varas podem ser mergulhadas. São as últimas remanescentes de uma poderosa ordem.

Seu símbolo parece ser um galho com três ramos, cada um dos quais também se divide em três na ponta. Elas precisam conservar o calor do lar que naturalmente teriam caso levassem vida em família, mas vivem sem isso. Viver assim não é fácil, e elas são seres raros. São etéreas, puras e devotas e trabalham com amor e conhecimento. São consultadas por pessoas que viajam até onde elas estão, em busca de ajuda e conselho.

Chega ali um homem, talvez um conselheiro do líder ou rei local. Uma das mulheres ergue o galho de três ramos ao cumprimentá-lo. Pelo seu treinamento, ela deve saber a pergunta que ele fará antes ainda que a faça; ela adivinha, assim, o que ele quer saber.

Essas mulheres têm conhecimento a oferecer. Não têm ninguém a quem transmiti-lo, pois seu número vem diminuindo. Peço orientação. Vêm-me as palavras: “O poder da oração é semelhante à água”. As palavras vêm acompanhadas da imagem de um riacho correndo entre as pedras. Duas mãos em concha, dentro dele, direcionam-lhe o fluxo. A imagem tem um grande impacto sobre mim, e ouço em seguida: “Experimente e verá”.

AS DONZELAS DO CÍRCULO

As companhias de nove mulheres que pesquisei representam vários arquétipos diferentes, e cada um deles tem diferentes funções a desempenhar. Examinaremos aqui os cinco tipos principais – donzelas santas, donzelas pagãs, donzelas da paisagem, donzelas antigas e donzelas clássicas – tanto em razão do seu interesse histórico quanto para demonstrar que as Nove Mulheres podem se manifestar em diferentes culturas e assumir os mais diversos papéis. É claro que nem

todos esses arquétipos são “donzelas” no sentido literal, ou seja, mulheres jovens ou virgens. Só uso o termo porque ele é o mais encontrado nas histórias das Nove Mulheres. O papel de donzela leva em si, em geral, um elemento de devoção ou celebração, bem como uma conexão com a fonte sagrada que opera em cada tradição particular.

Donzelas santas

A maioria dos grupos de nove mulheres que encontramos são associados a tradições mágicas ou oraculares, o que talvez evidencie uma afinidade com formas mais antigas de adoração à natureza ou com divindades de períodos mais antigos. Vamos começar com os exemplos cristãos, pois eles nos ajudarão a entender como certas histórias sobre as “nove donzelas” foram modificadas por interpretações posteriores e pela censura cristã.

É provável que os grupos de nove mulheres formados dentro do cristianismo tenham se desenvolvido a partir das tradições anteriores. Elas tinham o papel de criadas ou damas de companhia, mulheres devotas ou exemplos santos de pessoas que viviam pela fé. Isso não significa, entretanto, que fossem sempre meigas e subservientes. Alguns dos exemplos que chegaram a nós dão a entender que elas agiam com grande coragem.

No início do século VIII d.C., um santo de nome Donevaldo se estabeleceu na região da Escócia hoje chamada Glamis e trouxe consigo suas nove filhas. Quando Donevaldo morreu, dizem-nos os cronistas que suas filhas foram convidadas pelo Rei dos Pictos a refugiar-se em Abernethy, no condado de Perthshire. Ali, resolveram dedicar-se à vida em solidão – jejuando, peregrinando e rezando com devoção. Com o tempo, milagres começaram a ser-lhes atribuídos. Embora não saibamos muita coisa sobre elas como indivíduos, os nomes de Mazota e Fincana chegaram a nós, pois foram veneradas como santas posteriormente.

*image
not
available*

se chamam Nove Donzelas ou Nove Pedras. [9] É provável que o mesmo ocorra em outras partes da Europa – em especial na Bretanha, que partilha a mesma herança celta.

O nome mais comum dessas características da paisagem é Nove Donzelas, mas há também exemplos de Nove Senhoras e Nove Irmãs. Esses nomes são abreviados, em geral, para “As Nove”, mas seu vínculo com as Nove Donzelas é evidenciado nas lendas locais e também pelo fato de esses nomes, aplicados a certos monumentos megalíticos, permanecerem teimosamente idênticos, mesmo quando o número de pedras que compõem o monumento não é nove. O círculo de pedra das Nove Senhoras, em Derbyshire, parece ter nove pedras eretas, mas uma décima pedra foi descoberta há pouco tempo e está agora visível, mas não se encontra ereta, e sim deitada no círculo. [10] Dos seis círculos da Cornualha que levam o nome das Nove Donzelas, apenas um tem de fato nove pedras, e duvida-se que tenha sido esse o número original. [11] Até o folclorista William Bottrell, do século XIX, natural da Cornualha, que tentou refutar a importância das Nove Mulheres nos nomes dos monumentos megalíticos, foi obrigado a admitir: “Sabe-se que, por aqui, todos usam o número nove em seus encantamentos e em muitos outros assuntos”.

Na Escócia, várias histórias envolvendo nove meninas são associadas a determinados locais da paisagem, mesmo quando os nomes desses locais não incluem a palavra “nove”. Na Ilha de Skye, por exemplo, diz-se que um monstro de nove cabeças, em forma de serpente, raptou nove donzelas. Segundo a lenda, quando o monstro por fim foi morto, seu corpo tornou-se a própria ilha. Grupos de nove bruxas também são associados à paisagem. Do outro lado do Canal da Mancha, na Bretanha, diz-se que nove bruxas ou espíritos habitam a montanha chamada Dol; e, na Transilvânia, diz-se que um *coven* maléfico de nove bruxas comandadas por uma velha feiticeira chamada Malvânia

*image
not
available*

nove. Na tradição islandesa, esse tipo de adivinha era chamada *völva* ou, em inglês *spae queen* (rainha da profecia). Muitas vezes, os grupos de profetisas como essa eram associados à deusa nórdica Freya. [16]

A saga nos diz que, quando a *völva* Thorbjorg chegou ao povoado após uma longa jornada, estava cansada e resistiu aos pedidos de seu anfitrião para que lhe fizesse previsões naquela mesma hora. Assim, comeu, descansou e preparou-se para o ritual. Quando estava pronta, Thorbjorg subiu a uma plataforma especialmente construída usando um manto azul crivado de pedras preciosas e semipreciosas, um gorro preto de pele de cordeiro e luvas brancas de arminho. Levava na mão um bastão com cabo de bronze, também incrustado de pedras. Posicionada num assento elevado, declarou-se pronta para dar início ao rito de adivinhação.

Chamou-se uma mulher denominada Gudrid para cantar as necessárias “canções encantatórias” que ajudariam a conduzir Thorbjorg a um estado de transe, para que pudesse responder às perguntas que os habitantes do povoado estavam ansiosos para propor-lhe. Gudrid admitiu que conhecia as canções, mas, por ser cristã, relutava em entoá-las. Os presentes a ajudaram a deixar de lado o zelo e, por fim, ela concordou em cantar:

As mulheres se posicionaram em círculo ao redor dela e Thorbjorg subiu ao tablado e ao assento preparados para seus encantamentos. Gudrid então cantou a canção encantatória de modo tão belo e excelente que nenhum dos presentes julgou já ter ouvido aquela canção entoada de modo tão bonito.

A rainha da profecia agradeceu-lhe pela canção, dizendo: “Muitos espíritos fizeram-se presentes sob o seu encanto e agradaram-se de ouvi-la, espíritos que, antes disso, afastar-se-iam

*image
not
available*

que jaz abaixo da superfície deste, bem como daquilo que crescerá rumo à luz, florescerá e depois morrerá.

Em termos femininos, a Rainha da Terra está ligada de modo especial à sexualidade. Seu ciclo de vida pode ser dividido em três fases: a rainha “inocente”, a rainha “desperta” e a rainha “individualizada”. Essas fases podem se manifestar uma após a outra na vida de uma mulher e isso de fato acontece, mas as três estão presentes ao mesmo tempo na idade adulta. Assim como a terra contém todas as estações de uma só vez, assim também as mulheres contêm individualmente as energias desses três diferentes estágios em qualquer momento do tempo. Eles representam três elementos da sexualidade que podem coexistir numa mulher madura. Vamos examinar esses estágios um por um, mas é importante lembrar que eles não são apenas estágios que uma mulher alcança em determinados momentos importantes de sua vida. Podem também corresponder a pontos de ênfase ou evolução que podem tornar a ser despertados em qualquer idade. Também não se limitam ao desenvolvimento sexual; podem estar igualmente ligados ao crescimento emocional e espiritual.

TODAS SOMOS MENINAS

Quando escrevi a primeira versão deste livro, lamentei a ausência de rituais modernos que assinalem a menarca, a chegada da menstruação, que indica a passagem do estágio de menina para o de mulher. Hoje, felizmente, esses rituais vêm sendo redescobertos, e muitas vezes se realiza uma festa ou celebração para honrar tal acontecimento. Já quando eu estava crescendo, a menstruação era em grande medida um assunto proibido, a ser discutido apenas com as amigas ou, se tivéssemos sorte, com a mãe. Por fragmentária que fosse nossa educação sexual na época, as amigas travavam infinitas conversas entre si e acabavam

*image
not
available*

Essa maturidade sexual é uma característica fundamental do arquétipo da Rainha da Terra, e é também uma chave que explica sua evolução de princesa a rainha coroada e daí a “rainha com nome”. Também é um elemento de nosso próprio amadurecer de meninas a mulheres, pois o desenvolvimento sexual traz consigo descobertas, responsabilidades e força individual.

A PRINCESA

Segundo a lenda, a deusa grega Ártemis pediu a seu pai que jamais a obrigasse a se casar. Não fez isso por ser avessa aos homens – pelo contrário, alguns mitos relatam que ela teve diversos amantes –, mas porque o casamento eliminaria a liberdade que ela tanto apreciava. Era livre para vagar pelas colinas e florestas da Arcádia com suas companheiras; era livre para correr, caçar, banhar-se e caminhar como quisesse. Vivia unida à natureza selvagem e às inclinações de seu próprio espírito.

A maioria das mulheres vive essa sensação de liberdade na juventude, em especial entre os 7 e 12 anos de idade, quando seus corpos são vivos e ágeis. É nessa época que muitas apreciam esportes como corrida, natação e ginástica. Podem se interessar por sua aparência, mas ela ainda é um jogo; ainda não foram pegadas pela insegurança da adolescência. Começam, porém, a apreciar a própria companhia e a desenvolver uma noção cada vez mais forte de independência.

A felicidade que surge nesse estágio de desenvolvimento da menina tem uma pureza especial. O prazer de estar viva, que ela sente, é muitas vezes despertado por percepções simples – o cheiro do almoço, o espetáculo das margaridas no meio da grama ou a sensação do vento no rosto. Se você conversar com qualquer mulher ou se recordar de suas próprias experiências, poderá se lembrar de como era a sensação de estar livre, feliz e unida ao seu ambiente. Mais tarde, nossos sentidos às vezes

*image
not
available*

Era exatamente desse modo que as coisas ocorriam quando escrevi a primeira versão deste livro, visto que muitas mulheres com filhos pequenos não trabalhavam fora de casa em período integral. Eram tão ocupadas quanto quem trabalha fora, mas sua agenda era mais flexível. No geral, podiam escolher quanta energia dedicar a uma determinada tarefa, em especial atividades que envolviam o trabalho com matérias-primas ou com a natureza – fazer pão, tingir tecidos, cuidar de animais de criação ou colher frutas silvestres. Hoje em dia, a pressão do tempo é maior e a proporção de mulheres que trabalha fora de casa é muito maior. A escolha de qualquer uma dessas atividades como um *hobby* pode ser, hoje, o único jeito de incorporá-las à nossa vida, pois ficou difícil incorporá-las à rotina diária.

Embora eu tenha dito que a fase de princesa é uma fase lúdica, isso não significa que não seja profundamente significativa. Não é preciso que haja uma separação total entre trabalho e diversão, e, se você abrir espaço em sua vida para a jovem deusa da terra, poderá encontrar verdadeira satisfação. Para conservar esse contato, por exemplo, pode retomar algum de seus antigos interesses – um esporte ou um *hobby*. Eu adorava andar a cavalo quando mais jovem e retomei essa prática depois dos 60 anos. Nunca mais serei uma campeã de equitação, mas ainda sinto uma intensa alegria quando ando a cavalo por uma estrada rural repleta de flores primaveris. A sensação de unidade com meu cavalo num galope suave e o doce aroma de seu suor quando lhe tiro a sela ainda me deixam feliz. Aquilo que aprendemos na juventude, e aquilo que praticamos naqueles primeiros anos, pode voltar mais tarde na vida para aliviar nosso espírito e nos trazer um prazer profundo.

A RAINHA É COROADA

À medida que a princesa amadurece e que a Rainha da Terra se prepara para subir ao trono, ela desperta para seus poderes e começa a utilizá-

*image
not
available*

ruas e capturando donzelas jovens ou não tão jovens numa espécie de tenda encoberta que pende de sua cabeça. Diz-se que qualquer mulher capturada pelo cavalo terá um bebê naquele ano. Está claro que essa energia exuberante tem base sexual, mas ela também serve para unir a comunidade. Vi que pessoas do mundo inteiro voltam àquela cidade para comemorar. Ainda me lembro dos tambores, da música alegre e do vigor da celebração. A Rainha da Terra abençoa seus domínios e lembra as pessoas da alegre abundância da natureza, que todos devemos comemorar.

É assim que a rainha sobe ao trono, assume seu poder, reconhece e experimenta a plenitude de sua sexualidade. Paradoxalmente, em nossa época em que tudo é permitido, o único desregramento moral que de fato se verifica no Dia de Maio em Padstow é uma folga de dois dias no trabalho e, talvez, um consumo excessivo de bebida alcoólica. Quando estava lá, ouvi uma jovem censurando o namorado por estar bêbado. “É o Dia de Maio!”, disse ela. “Isso que você está fazendo não se faz.” Ao que parece, ainda há um elemento sagrado nesse ritual.

A Rainha da Terra sentada no trono é um símbolo da beleza viva da terra, das plantas, dos animais e dos contornos da paisagem. Quando se olha pela janela numa viagem de trem ou de carro, é possível imaginar as colinas como as curvas de seu corpo, cobertas de veludo; os campos são um estampado de ricos materiais, as folhas das árvores são as madeixas de seus cabelos. É assim que o poeta descreve sua amada no Cântico dos Cânticos de Salomão (vii.3-4, 8):

Teu corpo é um monte de trigo cercado de lírios;

teus dois seios são como dois filhotes gêmeos de uma gazela [...]

Teu porte assemelha-se ao da palmeira, de que teus dois seios são os cachos.

*image
not
available*

potencial, segundo sua visão e suas capacidades. As rainhas capazes de fazer isso tornam-se verdadeiramente célebres.

A RAINHA EM SEU JARDIM

Há séculos que a rainha em seu jardim é um símbolo da criação mística. Isso vai desde a declaração “jardim fechado és tu, irmã minha, minha esposa”, [23] do Cântico dos Cânticos e das iluminuras medievais que retratam uma rainha ou senhora em seu jardim de roseiras, simbolizando a beleza e a cultura supremas, até as loucuras da Rainha de Copas que Alice encontra no País das Maravilhas. E esse arquétipo não se manifesta apenas nas rainhas dos livros de história e contos de fadas. Aparece também individualizada em outros papéis na sociedade e em outras figuras da nossa vida. Quais são, por exemplo, os campos sobre os quais outras mulheres têm domínio? Na política atual, somos capazes de apontar um número cada vez maior de primeiras-ministras e presidentes do sexo feminino. Além disso, as mulheres agora desempenham papéis de comando nas profissões liberais e nos negócios – como administradoras, diretoras, profissionais da área de saúde, gerentes de loja, agricultoras e donas de restaurante.

Todos esses papéis envolvem a responsabilidade primária por um certo domínio e aqueles que nele estão. Mas o que torna a governante mulher diferente do governante homem? Talvez a arte do cultivo nos dê pistas sobre as diferenças entre homens e mulheres nesse domínio. A Rainha da Terra cuida de seu jardim. Trata de seu reino com mais cuidado, encorajando o crescimento e prestando atenção não apenas às questões mais amplas, mas também a pequenos detalhes pessoais.

Quais terras, territórios e domínios você governa? Como os administra e cuida deles? É capaz de se ver como a Rainha da Terra em seus domínios? Vamos examinar alguns modos específicos pelos quais pode desenvolver esse potencial.

*image
not
available*

ciclos menstruais já são habituais, mas seus efeitos podem mudar de modo sutil ao longo dos anos. Ela experimenta a renovação da energia sexual depois de períodos de indiferença e aprende a aceitar seus ritmos, embora nem sempre seja capaz de prevêê-los.

- **Velhice:** A mulher mais velha tem novos mistérios para explorar e diferentes ciclos de energia para administrar. Predominam agora os ciclos de sono, saúde e energia corporal, e ela deve adaptar seu trabalho a estes enquanto quiser continuar em sua vida produtiva. Outros sentidos também despertam – uma unidade com a natureza e uma observação contemplativa das paisagens interiores e exteriores.

MANIFESTAÇÕES DA RAINHA DA TERRA

- **Dons:** Fecundidade física, apelo sexual, alívio da excitação sexual. Uma empatia com a natureza, jeito para jardinagem, amor pela mudança das estações. Entendimento dos padrões do clima, do crescimento e da colheita. O dom da fertilidade, qualquer que seja a tarefa em questão.
- **Provações:** Excesso – de frutos, amantes, energia sexual ou ofertas de trabalho. As coisas vêm em abundância e seu excesso produz dificuldades. Ou, ao contrário, esterilidade e infertilidade. Frieza e aspereza, épocas em que nada dá frutos. Pragas e doenças que prejudicam o crescimento natural.
- **Rituais e cultos:** Cerimônias ligadas às estações, sobretudo os ritos da primavera e da colheita. Banquetes. Colher e armazenar os frutos da terra; inclui-se aí preparar cerveja, pão e conservas. Ensinar os filhos e netos a encontrar e colher frutas silvestres. Ritos da menstruação e do ato sexual.

VISÃO DA RAINHA DA TERRA

- Uma abundância inexaurível de vida.

*image
not
available*

*image
not
available*

ao útero e por meio do qual ele recebe toda a nutrição de que precisa até nascer. As duas vidas são unidas por esse cordão, que é essencial para a vida do bebê. Depois do nascimento, o cordão é cortado e o bebê dá o primeiro passo rumo à independência física. No entanto, o cordão que dá a vida também pode tirá-la. Minha filha, por exemplo, teve de ser salva pela parteira, pois o cordão havia se enrolado em torno do seu pescoço. Se eu tivesse dado à luz sozinha, o resultado poderia ter sido muito diferente.

A questão de quem corta o cordão umbilical, e quando o faz, é muito importante nos ritos de nascimento. Se o pai estiver presente, por exemplo, ele pode ser convidado a cortar o cordão. Alguns dizem que não deve ser ele a separar o filho da mãe, mas outros consideram que isso ajuda a formar o vínculo dele com o filho e representa seu primeiro passo simbólico e objetivo para ajudá-lo a alcançar a independência. As opiniões também variam quanto a se o cordão deve ser cortado o mais rápido possível ou se se deve permitir que continue pulsando por algum tempo. Também essa questão não se baseia apenas em considerações médicas, mas tem um componente mais emocional: deve a mãe abrir mão dessa ligação emocional de modo mais suave, esperando até que o bebê termine de chegar ao mundo?

O vínculo materno talvez seja o vínculo humano mais forte, e o cordão umbilical o representa na esfera física. Mas há outros meios pelos quais esse vínculo se manifesta. A antiga expressão “agarrado à barra da saia da mãe” descreve aqueles que continuam dependentes de suas mães na vida adulta, prolongando a experiência do cordão umbilical. É certo que os vínculos emocionais e mentais que ligam o filho à sua mãe persistem por muito tempo após o nascimento e o corte do cordão umbilical físico. Pode acontecer de o leite da mãe começar a jorrar quando o filho chora, por exemplo, ainda que ela não o ouça. Ao longo de toda a primeira infância, as crianças tendem a se identificar

*image
not
available*

que suas esposas cuidam, em silêncio, de planejá-lo e organizá-lo. Quando o homem percebe que o curso dos eventos já está determinado, em geral já é tarde demais para que ele possa modificá-lo de qualquer maneira.

Esse aspecto da psique feminina pode ter alguma relação com o vínculo básico entre mãe e filho. A criança nova precisa de continuidade em sua vida e é a mãe quem tem de ajudar a criar essa continuidade. A criança é incapaz de entender o mundo quando este não tem um padrão, quando não tem acontecimentos que se repitam. O fio da continuidade é outro dom que uma mulher pode dar a um homem – às vezes, um dom de que ele muito necessita. Se Ariadne não tivesse lhe dado um novelo de linha para ajudá-lo a encontrar o caminho de volta, Teseu ainda estaria vagando pelo labirinto, mesmo depois de matar o Minotauro.

Cortar o fio

Átropos, com suas tesouras, era a mais temida das Três Moiras, pois seu gesto põe fim a tudo. Precisamos saber a hora certa de cortar os fios no tear depois de terminar o tecido. Para isso, é preciso desapego. No caso da maternidade, isso se refere à arte de liberar nossos filhos quando chegar a hora. É claro que isso não acarreta uma separação completa, exceto em casos extremos; mas acarreta, sim, abrirmos mão do direito de controlar nossos filhos. Todos nós já conhecemos adultos que continuam agarrados à barra da saia da mãe, muitas vezes de maneira sutil e insidiosa. Uma mulher que conheci, um pilar da sociedade local, fazia uma entrada triunfal em todas as ocasiões sociais acompanhada de seus quatro filhos adultos, que pareciam um pouco acanhados seguindo seu rastro. Ao que parece, nenhum deles jamais conseguiu sair de casa – e esta, ao meu ver, não é a marca de uma vida bem-sucedida.

nenhum benefício claro. Há também o caso do parceiro que parece ser mais fraco, mas comanda o relacionamento. Pode acontecer, ainda, de você ter um conhecido em cuja presença não se sente confortável, pois ele a suga e a deixa cansada e desanimada. Essas situações em geral se desenvolvem num nível instintivo, por trás do pano, onde é difícil ver com clareza o que está acontecendo. A própria pessoa que manipula o vínculo pode não saber como está fazendo isso.

Um dos sintomas que indicam a existência de um vínculo doentio é a sensação de que o contato com a outra pessoa drena sua energia; você dá energia, mas não a recebe em quantidade suficiente. Uma atmosfera eufórica e febril gerada pelo contato também pode ser indício de um vínculo fundamentalmente desequilibrado. Outro sinal de alerta surge quando a pessoa manipulada procura justificar o relacionamento alegando ligações que vêm de outra vida ou diz que o mesmo foi decretado pelo destino. Não estou negando que isso pode acontecer, mas apenas afirmando que essa desculpa pode ser apresentada apenas como um sinal de esperança de que aquela ligação tenha algum sentido real.

Quando um vínculo começa a dominar toda a sua vida ou quando faz com que se sinta demasiado perturbada ou esgotada, pode ter chegado a hora de “cortar o cordão”. Pegue a faca de Átropos – uma boa faca de cozinha de tamanho grande é o suficiente – e evoque, na mente, o cordão que a liga à outra pessoa. Procure intensificar a imaginação para que ela reúna o máximo possível de energia. Depois, lembrando-se de tudo de bom que esse relacionamento lhe trouxe (quase sempre haverá ali algo de valioso; caso contrário, o vínculo não teria se formado), use a faca para cortar o cordão invisível. Em outras palavras, embora o cordão seja visualizado, o ato de cortar é real. Se estava se sentindo desanimada e deprimida antes de fazer isso, o mais provável é que, uma vez cortado o cordão, sua energia e seu otimismo sejam restaurados. O gosto pela vida,